



MERITOCRACIA: A FALSA LÓGICA DA ISONOMIA

Meritocracy: the false logic of isonomy

Luzia Cristina Lopes Almeida^{1*}

Francisco Jadson Silva Maia^{2*}

RESUMO

O livro “A tirania do mérito” de Michael Sandel, examina criticamente o conceito de meritocracia, argumentando que ele é uma construção que não promove a igualdade, mas sim uma ética do mercado que favorece a mobilidade social em detrimento do bem comum. Sandel destaca a desilusão com a meritocracia contemporânea, demonstrando como esta estrutura social marginaliza os menos favorecidos e perpetua desigualdades ao invés de realmente oferecer oportunidades equitativas. Sua análise revela que acreditar no mérito independente das condições sociais e históricas subjacentes contribui para a fragmentação social e o ressentimento, sugerindo uma necessidade urgente de repensar e reconfigurar estas dinâmicas para melhor atender às necessidades coletivas.

Palavras-chave: meritocracia; Michael Sandel; neoliberalismo.

ABSTRACT

Michael Sandel's book “The Tyranny of Merit” critically examines the concept of meritocracy, arguing that it is a construct that does not promote equality, but rather a market ethic that favors social mobility over the common good. Sandel highlights the disillusionment with contemporary meritocracy, demonstrating how this social structure marginalizes the less fortunate and perpetuates inequalities rather than actually offering equitable opportunities. His analysis reveals that believing in merit regardless of the underlying social and historical conditions contributes to social fragmentation and resentment, suggesting an urgent need to rethink and reconfigure these dynamics to better meet collective needs.

Keywords: meritocracy; Michael Sandel; neoliberalism.

^{1*} Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bacharel em Comunicação Social com habilitações em Jornalismo, Rádio e TV pela mesma instituição. E-mail: cristinaalmeida@ufrn.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7787-6471>.

^{2*} Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutor em Ciências Sociais e Mestre em Estudos da Mídia, ambos pela UFRN. Foi pesquisador do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT), sediado na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) no Rio de Janeiro. Atualmente, é coordenador adjunto do grupo de pesquisa Marginalia - Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: fjadsonmaia@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0148-3975>.

Michael Sandel é filósofo, escritor, palestrante e docente da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, seu país de origem e de formação acadêmica. *A tirania do mérito* teve a sua primeira edição lançada no Brasil no ano de 2020. É um trabalho que já vem na esteira de publicações anteriores, que também alcançaram significativa notoriedade, nas quais Sandel versa por reflexões da filosofia, ética e moral, nos livros: *O liberalismo e os limites da justiça* (1982); *Contra a perfeição: ética na era da engenharia genética* (2002); *Justiça: o que é fazer a coisa certa* (2010) e *O que o dinheiro não compra: os limites morais do mercado* (2012).

Com um título provocativo, Michael Sandel, propõem em seu livro *A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?* (2024) uma análise sobre o ônus da meritocracia. As discordâncias do autor em torno do mérito, vão além do questionamento sobre ser justo, ele lança um olhar para a visão de êxito, do fracasso, das conquistas materiais e simbólicas, sobretudo as condutas dos que triunfam nesse sistema sobre os menos afortunados. Para o autor da obra, o modelo meritocrático contemporâneo possui uma ética gestada pelo mercado e tem como propósito à mobilidade, não à igualdade. Ele também tenta desmistificar o merecimento, como o resultado da dedicação e do empenho, que não necessariamente corresponde à determinação da própria ação.

A obra *A tirania do mérito* (2024) é composta por sete capítulos, distribuídos em 350 páginas: 1) “Ganhadores e perdedores”; 2) “Grandioso porque é bom’: uma breve história moral do mérito”; 3) “A retórica da ascensão”; 4) “Credencialismo: o último preconceito aceitável”; 5) “Ética do sucesso”; 6) “A máquina de triagem” e 7) “O reconhecimento do trabalho”. É um livro com uma linguagem simples, objetiva e informativa, mas sem se abster do rigor epistêmico, proporcionando uma leitura acessível, fluida e inteligível para um público amplo, leitores além das redomas universitárias. Para ancorar as bases dessa abordagem mais incisiva, Sandel reuniu conteúdo factual, autores e fundamentos da filosofia, da sociologia, da história, da linguística e da geopolítica.

Na introdução, o filósofo de Harvard abre a sua argumentação ilustrando com o escândalo midiático que dominou o debate público em 2019, nos EUA, sobre esquema de fraude no ingresso em universidades de elite do país, envolvendo celebridades, magnatas e capital privado. Na sua concepção, essa polêmica refletiu a insuficiência da celeuma e das discussões populares, que não estavam centradas em questionar a meritocracia em si, somente em como alcançá-la e em como se enquadrar no sistema de concorrência.

No primeiro capítulo, Sandel adentra na concepção tecnocrática da política e a define: “está associada à fé em mercados [...] para alcançar o bem público” (2024, p. 32). Essa ênfase na

financeirização e na globalização como uma salvação coletiva, o autor acredita que foi instrumentalizada tanto por partidos de esquerda e de direita, sobretudo de centro-esquerda e centro-direita, por exemplo, o partido Democrata nos EUA e o Partido Trabalhista na Grã-Bretanha com o *Brexit* (é uma abreviação para *british exit*, na tradução literal para o português significa "saída britânica"); e historicamente pelos líderes de estado Ronald Reagan e Margaret Thatcher. Uma contribuição valiosa das formulações desse capítulo, foi a interlocução com o sociólogo britânico Michael Young, que cunhou o termo meritocracia, na distopia *The rise of the meritocracy* [*A ascensão da meritocracia*] (1958), descortinou os arranjos morais revelando o lado sombrio do mérito, que contaminou a política e incitou o ressentimento populista — visto tempos depois com a eleição de Donald Trump, sinaliza Sandel.

No segundo capítulo, o autor explica o sentido convencional da meritocracia, a face positiva, da esperança do sonho igualitário, que destronou o privilégio herdado da aristocracia, vislumbrando uma justa competição, com as premissas do esforço, da iniciativa e da competência. Apresenta-se como um horizonte promissor de escapar da condição social e alcançar o sucesso individual conquistado por conta própria. Para compreender a meritocracia contemporânea, Sandel considera essencial analisar as raízes teológicas, passando pela Reforma protestante, o providencialismo cristão da igreja católica e o evangelho da prosperidade.

A priori, o mérito não estava atrelado a emprego e renda, mas a graça divina, a dádiva. No entanto, a salvação celestial precisava ser conquistada de maneira laboriosa, esse já era um *modus operandi* do mérito. Com o tempo o cenário se reconfigurou e introduziu um novo *ethos*: da ética puritana do trabalho. Ou seja, a ação mundana do mérito com pressupostos não-espirituais. Para abarcar todo esse aporte teórico, o filósofo destacou as teses canônicas do sociólogo alemão Max Weber da obra, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1904).

O terceiro capítulo, trata da articulação entre a retórica da ascensão e a ética meritocrática. O autor destaca que a liberdade, cristalizada no reforço da agência e do livre-arbítrio, é um elemento central da meritocracia. Todos competem contra todos em troca das recompensas que o mercado oferece, ou seja, acredita-se que as pessoas são livres para “ascender até onde seus talentos e trabalho árduo as levarem” (Sandel, 2024, p. 98). Entretanto, o filósofo atribui que a face obscura da meritocracia é justamente a responsabilidade individual ilimitada, que desconsidera o fator sorte e as adversidades externas. A meritocracia acaba criando uma antinomia entre “os merecedores” e “as pessoas indignas/perdedores”, provocando a derrocada da solidariedade, que desabona os desalojados da globalização, imputando culpa e encargo pelas próprias contingências. Preocupado

com essa representação, Sandel percebe o rebaixamento do discurso público pautado em alegações morais e especulações ideológicas infundadas, restritas ao campo econômico, dominado pelo discurso dos especialistas.

O quarto capítulo, ressalta que a política liberal e progressista privilegiou a globalização, assim como deu enfoque a educação como solução para a desigualdade e crise no mercado de trabalho. Com isso, o discurso público reforçou o diploma universitário como uma credencial distintiva, gerando uma expectativa de mobilidade social. Contudo, para Sandel isso se expressou sob a forma de um “símbolo de privilégio credencialista e de arrogância meritocrática” (2024, p. 149), por isso, o filósofo assinala que o credencialismo se tornou um projeto moral e político. Não obstante, provocou reações adversas, erodindo a vida democrática e fragilizando a estima social daqueles que não se enquadraram nas credenciais que o sistema legitima. O filósofo reconhece que a meritocracia é inclusiva até certo ponto, ajudou a combater o racismo, a misógina, a homofobia, promovendo mulheres, negros e LGBTQA+ a um amplo acesso à universidade. Mas é insuficiente para abrandar a crescente desigualdade de renda. O professor de Harvard reitera que a educação superior se tornou um recurso frágil para gerar mais mobilidade, no contexto atual está mais propensa a consolidar privilégios e se tornar uma tirania.

No quinto capítulo, Sandel retoma o seu diálogo com Young (1958), traçando um paralelo entre a sociedade aristocrática e a sociedade meritocrática, ambas desiguais, cada uma à sua maneira. A primeira, é marcada por um determinismo. Herda-se o lugar de privilégio com direito de nascença. Enquanto que a segunda, mais coerente, pois conquista-se a fortuna e se desloca da posição social de origem. O autor da *Tirania do mérito* (2024) também traz postulados das filosofias públicas, que contestam, em parte, a meritocracia com um discurso que recusa o mérito e o merecimento como alicerce da justiça, que são: o liberalismo de livre mercado (ou neoliberalismo) e o liberalismo de bem-estar (ou “liberalismo igualitário”). Porém, as duas são contraditórias, pois estão sob a égide do *ethos* do sucesso e nenhuma se pauta verdadeiramente por um projeto democrático em comum.

O sexto capítulo, expõe a gênese e os efeitos corrosivos da “máquina de triagem meritocrática”, da seleção hiper competitiva para as universidades de elite nos EUA. O filósofo estadunidense indica que as sequelas se dão em dois caminhos: aos que ascendem ao topo, estão sujeitos a opressão, tiveram sua vida gerida desde a infância e adolescência em prol dessa corrida, podem desenvolver um quadro de ansiedade, um desgastante perfeccionismo e uma soberba atrelada a uma autoconfiança vulnerável. Aos malsucedidos ao imperativo do mérito, resta serem

desmoralizados, compelidos a humilhação, são tomados por uma percepção de fracasso e não se pode culpar ninguém a não ser nós/eles mesmos.

No sétimo e último capítulo, o autor aponta algumas saídas voltadas para a valorização da atividade laboral, especialmente, da maioria dos que não se inseriu nas graças da fusão da triagem meritocrática com a globalização prosélita ao mercado. As consequências disso atingem a dignidade do trabalho e acabam instaurando uma crise de reconhecimento, gerando levantes de raiva, ressentimento e descontentamento político das pessoas que não obtiveram o credencialismo. Sandel recomenda que se “cultive a virtude cívica”, isto é, que seja questionado o crescimento da economia designada a alavancar a conveniência dos consumidores. Por isso, é imprescindível que surja uma nova mentalidade em que os indivíduos exerçam o papel de produtores, para que possam voltar a se sentirem pertencentes, cidadãos, ao colaborar com bens e serviços para a coletividade.

Por fim, este livro democratiza a filosofia, cumpre a função de introduzir os leitores ao um debate caro à sociedade contemporânea. Ao realizar um exercício de inversão da ordem social estabelecida, Sandel faz emergir o que há de latente, pois os preceitos do “que é ser justo” e da “igualdade de oportunidade” é insuficiente como um ideal e não toca no âmago da nossa sociedade excludente. A obra nos comunica que a meritocracia acaba sendo um sistema regido por uma racionalidade que além de naturalizar desigualdades, estimula a disputa. Sobretudo, porque mérito difere de esforço, mérito compara pessoas profundamente desiguais, num cenário de competição aberta, de um projeto político que rebaixa a vida. Por isso é preciso questionar o aspecto “triumfalista da meritocracia”, buscando radicalizar e reconfigurar estruturalmente os dilemas de sucesso e fracasso, vencer e perder, a partir disso, evocar um novo horizonte para o bem comum.

REFERÊNCIAS

SANDEL, Michael. *A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira: 2024.

Licença e Direitos:

Repositórios e Ciência Aberta, direitos autorais de Luzia Cristina Lopes Almeida, Francisco Jadson Silva Maia, 2025, licenciado sob [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

